

A MEMÓRIA COMO ESPAÇO DE RECORDAÇÃO EM À SOMBRA DO MEU IRMÃO: AS MARCAS DO NAZISMO E DO PÓS-GUERRA NA HISTÓRIA DE UMA FAMÍLIA ALEMÃ, DE UWE TIMM, E SOB OS PÉS, MEU CORPO INTEIRO, DE MARCIA TIBURI

MARIANA WASKOW RADÜNZ¹; DANIELE GALLINDO GONÇALVES SILVA²

¹Universidade Federal de Pelotas – marianaradunz@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – danigallindo@yahoo.de

1. INTRODUÇÃO

Pensando que os temas da memória e da recordação são ainda constantemente problematizados no espaço acadêmico, nesta pesquisa visa-se a refletir sobre como ambas estão presentes na literatura e em como elas possibilitam uma maneira diferente de enxergar a realidade e de constituir a identidade dos indivíduos. Para isso, propõe-se analisar a temática da sombra nos romances *À sombra do meu irmão: as marcas do nazismo e do pós-guerra na história de uma família alemã* (2014 [2003]), do escritor alemão Uwe Timm, e *Sob os pés, meu corpo inteiro* (2018), da escritora brasileira Marcia Tiburi, pensando-a como um espaço de recordação que possibilita a existência dos narradores-protagonistas de ambas as narrativas.

Como fundamentação teórica, utilizamos, sobretudo, as discussões sobre os conceitos de memória e recordação presentes no livro *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*, escrito por Aleida Assmann e publicado em 2006. Dentre os aspectos discutidos pela autora, um dos mais importantes é a compreensão da memória como *ars* (arte) e *vis* (potência). A ideia da memória como *ars* é discutida principalmente dentro do contexto dos estudos literários nos últimos anos, sendo que eles “[...] escolheram preferencialmente o caminho da mnemotécnica romana. Mnemotécnica significa arte da memória, e aqui ‘arte’ deve ser entendida como no seu antigo sentido de ‘técnica’” (ASSMANN, 2011, [2006], p. 31, grifos da autora). Porém, o que nos interessa para a pesquisa é a ideia da memória como potência, porque a palavra potência aponta, nesse caso, que

[...] a memória não deve ser compreendida como um recipiente protetor, mas como uma força imanente, como uma energia com leis próprias. Essa energia pode dificultar a recuperação da informação – como no caso do esquecimento – ou bloqueá-la – como no caso da repressão. Porém ela também pode ser controlada pela inteligência, pela vontade ou por uma nova situação de necessidade, e proporcionar uma nova disposição das lembranças. O ato do armazenamento acontece contra o tempo e o esquecimento, cujos efeitos são superados com a ajuda de certas técnicas. O ato da recordação, por sua vez, acontece dentro do tempo, que participa ativamente do processo (ASSMANN, 2011 [2006], p. 34).

Dessa forma, a questão da memória como potência torna-se interessante ao analisar as obras literárias escolhidas para compor o *corpus* desse trabalho, pois os dois romances apresentam a recordação como uma espécie de força, que surge em um momento do presente, mas que é tão forte a ponto dos narradores-protagonistas encararem seus traumas e contarem suas histórias de vida em primeira pessoa. É a partir do bloqueio (repressão), que a recordação toma o seu

lugar para dar conta de alguns episódios e, sobretudo, de alguns traumas. Por conta disso, é necessário ter em mente a noção de presente e passado e em como o processo de recordação afeta e é afetado pelas relações temporais. Para Italo Svevo (2006),

[o] passado sempre é novo. Ele se altera constantemente, assim como a vida segue em frente. Partes da vida que parecem ter afundado no esquecimento reaparecem, enquanto, por outro lado, outras afundam por serem menos importantes. O presente conduz o passado como se este fosse membro de uma orquestra. Ele precisa desses tons somente e de nenhum outro. Assim o passado parece às vezes curto, às vezes longo; às vezes soa, às vezes cala. Só influenciam no presente aquelas partes do passado que tenham a capacidade de esclarecê-lo ou obscurecê-lo (SVEVO, 2006 s.p. *apud* ASSMANN, 2011 [2006] p. 21).

Com isso, é preciso considerar que a recordação de determinados eventos do passado acaba constituindo um presente diferenciado, porque afeta a maneira como o sujeito enxerga o mundo. Segundo Assmann (2011 [2006]), com relação à recordação “[...] a dimensão do tempo – paralisada e superada na fase de armazenamento – torna-se crítica. Enquanto o tempo interfere no processo da memória, há um deslocamento fundamental entre o que foi arquivado e sua recuperação” (ASSMANN, 2011 [2006], p. 33). Pensando nisso, a relação do indivíduo com sua memória quase sempre é desordenada, visto que ele consegue acessar constantemente certas lembranças, mas também esquecer e arquivar algumas delas, sem ter poder sobre isso. É esse processo contínuo que faz com que nós, seres humanos em geral, tenhamos uma relação diferenciada com o tempo, principalmente no que se refere ao passado e ao presente, e com que lidemos com a memória numa ininterrupta tentativa de compreensão das nossas lembranças, sejam elas antigas ou recentes.

2. METODOLOGIA

A pesquisa de mestrado, de caráter qualitativo e comparativo, é desenvolvida a partir de um debate teórico com base, sobretudo, nas discussões relacionadas à memória e à recordação elaboradas por Aleida Assmann (2011 [2006]) e nos trabalhos sobre o trauma na literatura desenvolvidos por Márcio Seligmann-Silva (2005). Junto a isso, são utilizados trabalhos que dialogam com os aspectos histórico-sociais da Segunda Guerra Mundial e do Nazismo na Alemanha e do Período Ditatorial no Brasil. Além disso, como objetos de análise literária são utilizados os romances *À sombra do meu irmão: as marcas do nazismo e do pós-guerra na história de uma família alemã* (2014 [2003]), de Uwe Timm, e *Sob os pés, meu corpo inteiro* (2018), de Marcia Tiburi.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para compreender o funcionamento da memória e da recordação é preciso considerá-las como dois polos inseparáveis, pois uma não faz sentido e não consegue se constituir sem a outra. Além disso, é necessário analisá-las à luz do momento histórico em que elas são construídas, pois a constituição da memória e do posterior processo de recordação não se dá numa situação solitária vivenciada pelo indivíduo, mas numa relação dele com o mundo que o cerca. Se ele é

afetado pelo contexto político, social e histórico, a sua memória também é. Isso ocorre nos dois romances analisados na pesquisa, visto que a narradora-protagonista de *Sob os pés, meu corpo inteiro* (2018) tem suas memórias dilaceradas principalmente ao ser torturada durante o período ditatorial brasileiro. Ela só consegue falar sobre o ocorrido muito tempo depois e mesmo assim o processo de recordação é desordenado e bastante sofrido. Já em *À sombra do meu irmão: as marcas do nazismo e do pós-guerra na história de uma família alemã* (2014 [2003]) é o nazismo e a Segunda Guerra Mundial na Alemanha e as cicatrizes deixadas por esses momentos na família do narrador-protagonista, que fazem com que ele lide com a família de uma forma distante e muitas vezes agressiva, além de não conseguir falar por cerca de quase cinquenta anos sobre a morte do irmão mais velho e o impacto causado por esse episódio na constituição da sua identidade.

Assim, é possível perceber a literatura como uma das ferramentas que permite o entendimento sobre o funcionamento da memória e o seu impacto na vida do indivíduo, além de possibilitar a permanência da memória acerca dos temas da ditadura e do nacional-socialismo vivas dentro do imaginário coletivo. Isso chama a atenção principalmente quando levamos em consideração que a sociedade pressiona cada dia mais por um apagamento dessa memória. Dessa forma, “[...] a memória artística não funciona como armazenador, mas estimula os armazenadores, ao tematizar os processos de lembrar e esquecer” (ASSMANN, 2011 [2006], p. 26). Assim, pensamos a literatura e, mais especificamente, as obras selecionadas para a análise como ferramentas mantenedoras da memória e a escrita em primeira pessoa como um espaço de recordação que permite aos narradores-protagonistas a existência em meio ao caos das lembranças. Ademais, é necessário levar em consideração as reflexões de Assmann (2011 [2006]) sobre a escrita como metáfora da memória:

A escrita como metáfora da memória é tão indispensável e sugestiva quanto extraviadora e imperfeita. A presença permanente do que está escrito contradiz ruidosamente, no entanto, a estrutura da *recordação*, que é sempre descontínua e inclui necessariamente intervalos da não presença. Não se pode recordar alguma coisa que esteja presente. E para ser possível recordá-la, é preciso que ela desapareça temporariamente e se deposte em outro lugar, de onde se possa resgatá-la. A recordação não pressupõe nem presença permanente nem ausência permanente, mas uma alternância de presenças e ausências. As metáforas da escrita, que pela fixação sínica implicam uma permanente legibilidade e disponibilidade do conteúdo da memória, negligenciam justamente essa alternância de presença e ausência, tão própria à estrutura da recordação. Para fazer mais jus a isso, seria preciso inventar a imagem de uma escrita que, uma vez realizada, não se tornasse legível de imediato, mas somente sob condições especiais (ASSMANN, 2011 [2006], p. 166, grifos da autora).

Porém, mesmo levando essas problemáticas em consideração, é interessante observar como se dá a escrita em primeira pessoa por meio da recordação, pensando-a enquanto um espaço que permite com que os narradores-protagonistas das obras analisadas revivam as suas experiências de vida, principalmente as mais traumáticas, a partir dessa escrita. Além disso, é por meio do acesso à memória e da escrita sobre essa memória que ambos conseguem existir para além da sombra dos irmãos, que durante toda as suas vidas se fizeram presentes e influenciaram a família mesmo após as suas mortes. Para Assmann (2011 [2006]), “[...] a memória se orienta para o passado e avança passado adentro por entre o véu do esquecimento. Ela segue rastros sotterrados e

esquecidos, e reconstrói provas significativas para a atualidade" (ASSMANN, 2011 [2006], p. 53). Assim, o exercício que os narradores-protagonistas fazem ao escrever sobre as suas memórias acaba contribuindo para uma nova reconstrução dos acontecimentos e, de certa forma, para uma nova compreensão de si mesmos sob o olhar do presente.

Ainda, de acordo com Seligmann-Silva (2005),

[n]a arte da memória tal como podemos presenciar na produção de inúmeros artistas contemporâneos, não podemos mais – como, de resto, já ocorria nas vanguardas históricas – falar de “representação” da realidade ou de *mímesis* no sentido de cópia: a noção de testemunho permite uma leitura que mantém a complexidade da relação dessas obras com o “real” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 24, grifos do autor).

Refletindo sobre isso, consideramos as obras analisadas como ferramentas que permitem uma reflexão maior sobre a realidade, fugindo da dualidade do real *versus* a ficção. Acompanhando a reconstituição das memórias dos narradores-protagonistas através da recordação, conseguimos perceber a constituição identitária desses indivíduos e novos olhares sobre o nazismo e a ditadura, por exemplo. Por fim, para compreender a fundo os aspectos que envolvem esse processo de recordação e a sua constituição como espaço que permite a existência dos narradores-protagonistas cabe analisar ainda no decorrer da pesquisa a imagem da escavação proposta por Assmann (2011 [2006]), entendendo-a como o processo que permite a descoberta de certos eventos soterrados na memória e o quanto eles podem modificar a relação do indivíduo com a própria realidade.

4. CONCLUSÕES

A análise presente neste trabalho provém das discussões realizadas no Projeto de Dissertação e, por se tratar de uma pesquisa em andamento, não aspira a estabelecer conclusões neste momento. Porém, é possível perceber que as obras literárias analisadas colocam a escrita em primeira pessoa e a situação do estar à sombra do(a) irmão(ã) como um espaço de recordação que possibilita a existência dos narradores-protagonistas e ambas constituem-se, também, como importantes textos representativos de dois momentos históricos: o nazismo e a Segunda Guerra Mundial na Alemanha e a ditadura no Brasil.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSMANN, A. **Espaços da recordação:** formas e transformações da memória cultural. Tradução: Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

SELIGMANN-SILVA, M. **O local da diferença:** ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Ed. 34, 2005.

TIMM, U. **À sombra do meu irmão:** as marcas do nazismo e do pós-guerra na história de uma família alemã. Tradução: Gerson Roberto Neumann e Willian Radünz. Porto Alegre: Dublinense, 2014.

TIBURI, M. **Sob os pés, meu corpo inteiro.** 1.ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.